

A COMUNIDADE POLÍTICA: O INFERNO SÃO OS OUTROS?

THE POLITICAL COMMUNITY: HELL IS OTHER PEOPLE?

Giancarla Brunetto¹

RESUMO: ESTE ARTIGO TECE CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE UMA COMUNIDADE POLÍTICA A PARTIR DOS QUE SÃO CONSIDERADOS NATURALMENTE MEMBROS E OS QUE SÃO EXCLUÍDOS COM BASE NA INCLUSÃO COMO “NÃO-MEMBROS”: MIGRANTES, TRABALHADORES-HÓSPEDES, REFUGIADOS, APÁTRIDAS. ABORDA NA PERSPECTIVA DOS DIREITOS HUMANOS OS IMPACTOS DA CRISE DAS MIGRAÇÕES NA EUROPA OCIDENTAL E DOS FANATISMOS RELIGIOSOS COMO FORMA DE MANIFESTAÇÃO POLÍTICA. BUSCA MOSTRAR COM REFERENCIAIS TEÓRICOS EM OBRAS DE WALZER, MAALOUF, OZ E ZIZEK QUE NESTAS SITUAÇÕES EXISTEM ELEMENTOS COMUNS SENDO CADA VEZ MAIS RETROALIMENTADOS PELAS COMUNIDADES POLÍTICAS NOS ESTADOS CONTEMPORÂNEOS.

PALAVRAS-CHAVE: *COMUNIDADE POLÍTICA. MIGRANTE. REFUGIADO. FANATISMO. DIREITOS HUMANOS.*

ABSTRACT: THIS ARTICLE PRESENTS CRITICAL CONSIDERATIONS ABOUT THE CONSTITUTION OF A POLITICAL COMMUNITY FROM WHICH ARE CONSIDERED NATURALLY MEMBERS AND THOSE WHO ARE EXCLUDED ON THE BASIS OF INCLUSION AS "NON-MEMBERS": MIGRANT, GUEST-WORKERS, REFUGEES, STATELESS PERSONS. IT ADDRESSES THE PERSPECTIVE OF HUMAN RIGHTS MIGRATION CRISIS'S IMPACT ON WESTERN EUROPE AND THE RELIGIOUS FANATICISM AS A FORM OF POLITICAL PROTEST. IT SEEKS TO SHOW WITH THEORETICAL REFERENCES IN WORKS BY WALZER, MAALOUF, OZ AND ZIZEK THAT IN THESE SITUATIONS THERE ARE COMMON ELEMENTS BEING INCREASINGLY FED BACK BY POLITICAL COMMUNITIES IN CONTEMPORARY STATES.

KEY-WORDS: *POLITICAL COMMUNITY, MIGRANT, REFUGEE, FANATICISM, HUMAN RIGHTS*

Sumário: 1 Introdução. 2 A comunidade política. 3 O inferno. 4 O inferno são os outros. 5 Conclusão. Referências bibliográficas.

1 INTRODUÇÃO

Do lugar em que temos razão jamais crescerão flores na primavera.
O lugar em que temos razão está pisoteado e duro como um pátio.
Mas dúvidas e amores escavam o mundo como uma toupeira, como a lavradura.
E um sussurro será ouvido no lugar onde houve uma casa que foi destruída.

Yehuda Amichai

¹ Doutoranda em Ética e Filosofia Política na Universidade Católica Portuguesa/Centro Regional de Braga, Portugal. Mestre em Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Especialista em Direitos Humanos/Escola Superior do Ministério Público e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Bacharel e Licenciada em Filosofia/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. Coordenadora da Liga dos Direitos Humanos/Faculdade de Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. *E-mail:* giancarla.brunetto@ufrgs.br; giancarla.brunetto@gmail.com

Yehuda Amichai com seu poema “O lugar em que temos razão” nos convida e instiga a sentir sobre o pensar. Do lugar em que temos razão poderão nascer flores? Do lugar em que temos razão poderemos cultivar um jardim? Do lugar em que temos razão é permitido respirar vida? Do lugar em que temos razão encontram-se todas as outras razões, com todas as diversas formas de (ir)racionalidades, sinuosidades e sensibilidades? De que lugar afinal temos razão? Estará a razão em algum lugar? Neste artigo objetivamos apresentar de modo sucinto inquietações e considerações críticas sobre alguns dos conflitos que marcam os séculos XX e XXI e cujas repercussões necessitam de ações e reações no campo das ciências humanas, notadamente na área da filosofia política e no direito na perspectiva dos direitos humanos: A crise das migrações especialmente na Europa Ocidental e os fanatismos religiosos como formas de manifestação política. Buscamos mostrar com referenciais teóricos em obras de Walzer, Maalouf, Oz e Zizek que existem elementos comuns nestes conflitos sendo cada vez mais retroalimentados pelas comunidades políticas nos Estados contemporâneos.

A primeira parte - A comunidade política apresenta reflexões sobre a mobilidade própria do ser humano e as implicações decorrentes de sua qualidade de membro. Embora essa qualidade seja inerente pelo fato de que todos pertencem a algum grupo social, ainda assim há várias situações em que não há reconhecimento como membro, ou melhor, há o reconhecimento como “não-membro”, situação cada vez mais comum em Estados democráticos, não exclusivamente nos Estados com regimes autoritários ou antiimigração. Questiona-se se a ajuda mútua é somente para os considerados iguais (membros), e nesse sentido, qual é o lugar do migrante, do trabalhador-hóspede, do refugiado, do apátrida, do estrangeiro (não-membros)?

Os temas abordados na segunda parte deste artigo - O Inferno são os modos de negação do reconhecimento a um ser humano que busca refúgio na busca pela sobrevivência, a falta de respeito e de solidariedade, a discriminação e outros interesses que se sobrepõem como modos de separar ou de forçar a assimilação de pessoas e de povos. Estas formas de ação estão a acirrar cada vez mais os conflitos que vem desembocando em agônicas tragédias de nosso tempo, a catástrofe humanitária com a diáspora dos refugiados, e até mesmo a sua culpabilização por atentados terroristas, notadamente após a noite do terror em Paris em 13 de novembro deste ano.

A terceira e última parte - O inferno são os outros tem por base a citação original de Jean-Paul Sartre, aqui utilizada como modo de questionar se as várias formas de

fanatismo, entre os quais o religioso, tem em seu íntimo um inferno comum: não os outros, mas o próprio eu que os outros nos apontam. Será o Islão incompatível com a liberdade e com a democracia, e será o Cristianismo por natureza tolerante, respeitador das liberdades e da democracia? O intolerar como forma de eliminar o outro tornaria a vida tolerável? E tolerar seria suficiente para que a vida fosse o paraíso? Dante Alighieri percorreu com sua Divina Comédia os círculos do Inferno e do purgatório em busca do paraíso. O poeta de família nobre nasceu em Florença e foi obrigado por questões políticas a exilar-se. Seus bens foram confiscados e desde então teve uma vida errante.² Assim como as almas de seus poemas cantados, o poeta buscava encontrar-se. É o que todos buscam. Escavam o mundo, mesmo sob os escombros de uma casa destruída.

2 A COMUNIDADE POLÍTICA

Segundo Michael Walzer (1999) os bens sociais são distribuídos em uma comunidade política. Existe uma diversidade de bens que podem ser distribuídos de múltiplas formas tendo em vista que a partilha é feita em comunidades concretas que possuem tradições, culturas, leis, modos de vida em comum. Uma comunidade política é formada por indivíduos, famílias, moradores, associações, por um Estado. Os bens sociais são distribuídos, por exemplo, no âmbito das famílias, com a repartição de heranças, pensões, presentes, ajuda mútua. Os bens são repartidos de acordo com diferentes princípios, valores, interesses. Entretanto, podemos afirmar que todos estão envolvidos nessa relação de ajuda mútua, na distribuição de bens, e mais ainda, em uma igualitária e justa distribuição de bens sociais? Há os que integram uma comunidade política, e há também os que nela não estão incluídos. Entre os “não-membros” que vivem em condições vulneráveis e desprotegidos no mercado estão os migrantes, os refugiados, os apátridas. Os outros.³ Quais são os requisitos para ter direitos políticos, para participar na distribuição dos bens, para garantir pleno exercício de cidadania? Por que existe essa

² “O distanciamento que as viagens proporcionam levou-o a constatar com desespero que o regresso à pátria era impossível” Dante Alighieri, p.6.

³ “Embora participem livremente na troca de bens, não têm qualquer quinhão nos bens partilhados. Estão excluídos da provisão comunitária de segurança e previdência. Mesmo aqueles elementos de segurança e previdência que, como a saúde pública, são coletivamente distribuídos, não são garantidos aos não-membros, pois estes não têm lugar garantido na coletividade e correm sempre o risco de expulsão. A situação do apátrida é infinitamente perigosa.” Walzer, pp. 46-47

diferenciação entre os considerados membros e os considerados estranhos à comunidade política?⁴

Não existe qualidade de membro em uma perspectiva de libertismo global onde as ações dependem da vontade e interesses de cada indivíduo, e a justiça se basearia em atos de boa fé e de samaritanismo. Também inexistem qualidade de membro em uma perspectiva de socialismo global onde todos pertencem desde o nascimento a um único Estado global. Os que chegam em uma determinada comunidade política na condição de migrantes, refugiados, apátridas devem se submeter às políticas de admissão do país hospedeiro. A hospitalidade, porém, envolve apenas uma relação momentânea que exclui a residência permanente. Portanto, os membros tem plena participação na comunidade política enquanto os “estrangeiros” são “não-membros” hospedados por um determinado período e devido a determinadas circunstâncias – as quais são motivadas pela busca de sobrevivência, melhores condições de vida, fuga de conflitos, guerras, epidemias, catástrofes naturais. Ao direito de movimentar-se, de ir e vir, migrar, viver soma-se o dualismo interior que acompanha o estrangeiro em sua insegurança e vulnerabilidade por ter que conviver com essa “insatisfação agônica”, a sensação de estar “fendido ao meio”, como muito bem registra Miguel Torga.⁵

Henry Sidgwick defendeu na década de 90 a imigração irrestrita. Não caberia à autoridade pública determinar e restringir direitos de quem pode habitar o território, apenas manter a ordem. As posições contrárias a essa tese argumentam que os estrangeiros não tem o sentimento patriótico, ao contrário dos que são da “terra-mãe”.

⁴ “Atentos aos requisitos imprecisos da ajuda mútua, estas decisões não são impostas por qualquer norma amplamente aceite. É por isso que as políticas de admissão dos vários países raramente são criticadas salvo em termos que sugerem que o único critério relevante é o da caridade e não o da justiça.” Walzer, p. 49.

⁵ “Creio que nunca te fiz uma confidência que respeitarás: o Rio é o meu S. Martinho de Anta da outra margem. O Pão de Açúcar que o assinala foi o negrilho de pedra que na infância ali me recebeu. De tal modo lhes quero e me sinto bem naquelas ruas, que uma igrejinha barroca interrompe ou um penedo ruraliza, que saltei na praça Mauá como se me apeasse no Eirô que me viu nascer. Mas logo após esta ilusão vêm o lancinante mal da lonjura e o trágico dilema duma insatisfação agônica que resulta dum desejo de ficar e dum desejo de regressar. Porém regressar é despertar do sonho, é voltar as costas ao Sésamo real; ficar é prolongar o martírio”, o que deixa um homem, desde a primeira hora “fendido ao meio, fraturado como um cristal agredido por um golpe de vento cruel. Confundo no mesmo espanto a Ursa Maior e o Cruzeiro do Sul, a flor do ipé e a do rosmarinho, a água do Doiro e a do Paraíba. Misturo tudo. E esse dualismo interior mortifica-me o coração. Torna-me inseguro e vulnerável. A minha unidade telúrica desintegrou-se. E convivem na mesma carcaça dois seres opostos. Um, europeu, de medidas greco-latinas; outro, americano, anárquico e transbordante... gemer por Portugal no Brasil, e pelo Brasil em Portugal”, ougar num por alheiras, e no outro por feijão preto”, a trazer o corpo e o espírito neste vaivém de grávida com desejos”. Miguel Torga (nasceu em Portugal e emigrou para o Brasil aos 13 anos)

São visitantes casuais, e a formação de populações heterogêneas, de diferentes etnias e nacionalidades tornam difícil ou mesmo impossível a promoção de uma identidade cultural.⁶ Por esse motivo as fronteiras e as deslocções de indivíduos e grupos através delas são objeto de duras disputas. Todos necessitam de um espaço territorial onde viver.⁷ O que pode parecer à primeira vista uma questão de natureza geopolítica⁸ possui profundas implicações morais sobre quem é o “estranho”, o estrangeiro, por quem e por que é assim considerado. Saber se os membros de uma comunidade política devem ser obrigados a receber pessoas de outras comunidades ou pelo contrário, somente pode ser considerada uma comunidade política se tiver uma coesa identidade cultural e nacional. Podem os indivíduos mudar para outro país não suficientemente habitado para coexistir em uma grande extensão de terra? E se for uma pequena extensão, deveria ser proibida a entrada de mais indivíduos? Como se dá a redistribuição da qualidade de membro e do território? Haveria situações em que seria admissível restringir a imigração? Quais os direitos a serem garantidos, os bens que se podem partilhar, e segundo quais critérios? Walzer salienta a necessidade por parte das comunidades de possuir uma consciência de relação e reciprocidade.⁹

Um dos dilemas que hoje se confrontam as comunidades políticas diz respeito ao risco de que sob o pretexto de forjar uma identidade nacional se possa anular a especificidade histórica de comunidades locais. Já a pluralidade de comunidades com diferentes histórias, modos de vida, oriundas de diferentes regiões, estruturas políticas e econômicas não deveria ser motivo de impedimento para a convivência pacífica em uma mesma comunidade política; ao contrário, deveria ser fonte de seu fortalecimento e

⁶“...o elo entre a gente e a terra é um aspecto crucial da identidade nacional... As corporações “autônomas” serão sempre apêndices, e provavelmente apêndices parasitários, dos Estados territoriais, e renunciar ao Estado é o mesmo que renunciar a toda e qualquer efetiva autodeterminação.” Walzer, p. 58.

⁷“O território é um bem social num duplo sentido. É um espaço onde se vive, terra e água, recursos minerais e riquezas potenciais, e um recurso para os desamparados e famintos. E é um espaço de vida protegido, com fronteiras e polícia, um recurso para os perseguidos e os sem-pátria.” Walzer, p. 58.

⁸ As teorias geopolíticas clássicas pensavam o Estado como um organismo territorial, em uma comparação do Estado com um organismo (Friedrich Ratzel). O Estado age como organismo territorial ao mobilizar a sociedade para a defesa territorial.

⁹ “...Se afirmará que as comunidades têm de ter fronteiras e embora estas sejam determinadas, tendo em conta o território e os recursos, não deixam de depender, no que a população diz respeito, de uma consciência de relação e reciprocidade. Os refugiados devem apelar para essa consciência. Pode desejar-se que sejam bem-sucedidos: porém, em certos casos e com referência a um certo Estado, podem muito bem não ter direito a sê-lo”. Walzer, p. 63.

enriquecimento cultural. Já o dilema do estrangeiro¹⁰ na condição de migrante, refugiado, apátrida é sentir-se estranho em sua terra-mãe e em outras terras.¹¹

O direito de asilo é uma questão jurídica e ética¹². Segundo o princípio do asilo,¹³ o estrangeiro (migrante, refugiado¹⁴, apátrida¹⁵) tem o direito de receber ajuda humanitária e proteção por parte dos Estados. Os membros de uma comunidade política de cada Estado tem o direito de determinar o modelo de população residente, atribuir o significado de qualidade de membro bem como o modo pelo qual se dispõem a ajudar. Neste cenário o estrangeiro (migrante, refugiado, apátrida) necessita reivindicar os

¹⁰Na Antiguidade os estrangeiros residentes nas poleis gregas, especialmente Atenas, eram chamados de metecos. Embora constituíssem muitas vezes grande parcela da população, os metecos não tinham os mesmos direitos. Tinham que pagar imposto de residência e para poder trabalhar. Embora considerados livres, eram tratados como os escravos, “quase” cidadãos. A palavra *metoikos* deriva junção da preposição *meta* ("no meio de", "com") com o nome *oikos* ("casa/família estendida/propriedade) significa "aquele que mora junto de". indica também a ideia de movimento, trazendo ao termo *metoikos* a marca de uma migração.

¹¹“Por um lado, todos têm de ter um lugar para viver e um lugar onde seja possível uma vida razoavelmente segura. Mas, por outro, este direito não pode ser imposto a certos Estados hospedeiros. (Este direito não pode ser imposto, na prática, enquanto não houver uma autoridade internacional capaz de o impor e se houvesse uma tal autoridade faria certamente melhor em intervir contra os Estados cujo comportamento brutal obrigou os seus cidadãos ao exílio permitindo-lhes assim o regresso à casa).” Walzer, p. 63.

¹²O "direito de asilo" segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos, Art. XIV: Toda a pessoa sujeita a perseguição tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países. Este direito não pode, porém, ser invocado no caso de processo realmente existente por crime de direito comum ou por actividades contrárias aos fins e aos princípios das Nações Unidas. Gera um dever para o Estado que é procurado como refúgio. O direito ao asilo visa à proteção de quem é perseguido de forma injusta ou arbitrária. A ONU criou o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) em 1950 para acolher e ajudar os refugiados. Atualmente há cerca de vinte milhões de refugiados sob sua proteção.

¹³O direito de asilo confere a uma pessoa perseguida por suas opiniões políticas, etnia, religião, no seu país de origem, o direito à proteção por outra autoridade soberana. Também os refugiados podem requerer, individualmente, pedido de asilo político.

¹⁴A Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados definiu como "refugiado" todo aquele ser humano que, perseguido por motivo de raça, religião, nacionalidade, opinião política, ou por pertencer a um determinado grupo social, busca proteção em outro país que não o seu. Os refugiados são de todas as raças e religiões. Espalham-se por todos os continentes. Obrigados a fugir para salvar a vida ou preservar a liberdade, abandonam tudo em busca de um futuro incerto em terra estranha. Em muitos casos o refugiado não conhece o idioma e os costumes do país de o abriga. Os refugiados ingressam em um país por custeio próprio, via terrestre, barco, avião, ou mediante programa de reassentamento. Outros instrumentos de proteção dos refugiados e asilados são a Declaração sobre o Asilo Territorial e a Declaração dos direitos humanos dos indivíduos que não são nacionais do país em que vivem.

¹⁵De acordo com interpretação da definição de “apátrida” do artigo 1 da Convenção de 1954 é essencial levar em consideração o objetivo e o propósito do tratado: garantir aos apátridas o aproveitamento mais amplo possível dos seus direitos humanos e regular sua condição. A "Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas" definiu como "apátrida" toda pessoa que não seja considerada como nacional seu por qualquer Estado. Estabelece que as disposições da convenção sejam aplicadas, no interior dos Estados, a todos os apátridas, sem distinção de raça, religião ou país de origem. O estatuto pessoal de todo apátrida rege-se á pela lei do país de domicílio ou, na falta de domicílio, pela lei do país de residência. Assegura-se ao apátrida o acesso aos tribunais de Justiça, o direito a trabalho em condições não menos favoráveis que aos estrangeiros, o ingresso no ensino público fundamental e o direito a assistência e socorro públicos.

direitos políticos e a cidadania¹⁶. Para Walzer a conduta moral e humanitária dos Estados liberais e humanitários pode ser determinada pela conduta imoral de Estados desumanos e autoritários¹⁷.

Os trabalhadores-hóspedes não são imigrantes nem cidadãos de uma comunidade política e tem permanência no país hospedeiro somente enquanto estão a trabalhar. O país hospedeiro está aberto aos que encontram trabalho, mas não como forum, assembleia, nação ou povo. Esta relação hóspede/hospedeiro se firma mediante um contrato por tempo determinado, mas se é legítima para transações de mercado, o mesmo não ocorre como política democrática¹⁸. O trabalhador-hóspede não se sente empoderado de direitos, aceito como membro da comunidade política do Estado hospedeiro. Há controle permanente sobre sua permanência temporária, ainda que prorrogável, sob constante ameaça de um dia ter que retornar ao seu país de origem ou de pelo menos não poder no país hospedeiro continuar.¹⁹ Segundo Walzer a situação em que vivem os trabalhadores-hóspedes retrata uma "pequena tirania" por parte do Estado na relação com os estrangeiros nesta condição. Primeiro porque, diferente da imigração que refere-se a uma escolha política, a naturalização é imposta como a única oportunidade de obter cidadania. Para Walzer um Estado democrático deve abrir-se do mesmo modo a todos os que vivem, trabalham e submetem-se às leis locais no seu território. Recusar a qualidade de membro em uma comunidade política equivale a efetuar o primeiro de vários outros modos de

¹⁶ Em Atenas a cidadania era uma herança transmitida de pais para filhos. Aristóteles, mesmo sendo meteca, defendia a exclusão. Para ele um cidadão não adquire essa qualidade só por habitar um determinado lugar. Não se devem presumir cidadãos todos aqueles sem os quais não se poderia ter uma cidade. A cidadania não era acessível a todos. Os metecos, estrangeiros e os escravos eram governados sem qualquer direito de voz política. Para Isócrates a oligarquia ocorre quando alguns cidadãos monopolizam o poder político, e são tiranos os que convertem os seus concidadãos em metecos.

¹⁷ "É por isso que o acolhimento territorial é um assunto tão sério. Os membros têm de estar preparados para reconhecer como seus iguais, num mundo de obrigações compartilhadas, os homens e mulheres que acolhem; e os imigrantes têm de estar preparados para compartilhar essas obrigações." Walzer, p. 65.

¹⁸ "Estes hóspedes sentem o Estado como um poder difuso e sinistro que regula as suas vidas e controla cada um dos seus movimentos sem nunca lhes pedir opinião. A partida é apenas uma opção formal; a deportação é uma ameaça permanente na prática... Como grupo constituem uma classe privada de direitos. Constituem ainda, tipicamente, uma classe explorada e oprimida e são, pelo menos em parte, explorados e oprimidos, por estarem privados de direitos e serem incapazes de organizar eficazmente a sua autodefesa. Não é provável que melhorem a sua situação material salvo se alterarem a sua situação política. Na verdade, o objetivo desta é o de os impedir de melhorar aquela já que, se o pudessem fazer, em breve seriam como os trabalhadores nacionais, relutantes em aceitar trabalhos pesados e degradantes ou baixos níveis salariais." Walzer, p. 71.

¹⁹ "Os trabalhadores-hóspedes são, pois, excluídos de uma sociedade de homens e mulheres que inclui pessoas exatamente iguais a eles. Estão encurralados numa posição inferior e que é também anômala: são párias numa sociedade que não se baseia em leis de casta, metecos numa sociedade em que os metecos não tem um espaço que os incluía, protegido e digno." Walzer, p. 71

abusos aos direitos civis e políticos, independente de raça, etnia, nacionalidade, identidade²⁰.

3 O INFERNO

Serás disperso por todos os reinos da terra.

Septuaginta

O inferno dantesco em que se encontram os refugiados no mundo contemporâneo é sem dúvida um dos principais dramas do século XXI. Testemunha-se uma nova diáspora com a maior crise mundial de refugiados de nossa era desde a 2ª Guerra Mundial. São milhões de mulheres, homens e principalmente crianças²¹ que tentam sobreviver em meio a guerras, traficantes de pessoas e as negativas de acolhimento por parte de governos de vários Estados. Segundo a Agência das Nações Unidas para os Refugiados existem atualmente 59,5 milhões de refugiados no mundo inteiro: Há um milhão de refugiados em necessidade desesperada de reinstalação, mais de três milhões de refugiados na África subsariana e quatro milhões de refugiados sírios²² que lutam para sobreviver, dos quais 95% estão em apenas cinco principais países de acolhimento: Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque, Egito. O relatório *A crise global de refugiados: uma conspiração de negligência* apresentado pela Amnistia Internacional em 15 de junho expõe o chocante sofrimento de milhões de refugiados e propõe uma mudança radical na forma de tratar com a situação²³.

²⁰ “A submissão de estrangeiros e hóspedes a um grupo exclusivo de cidadãos (ou dos escravos aos amos, das mulheres aos homens, dos negros aos brancos, dos povos vencidos aos seus vencedores) não é liberdade comunitária e sim opressão.” Walzer, pp. 73-74.

²¹ A UNICEF identifica cinco grupos vulneráveis: bebês e crianças pequenas, crianças com deficiência e necessidades especiais, crianças perdidas, crianças que foram deixadas para trás e adolescentes desacompanhados em deslocamento. A Europa recebe 700 pedidos por dia de jovens que requerem asilo.

²² Os sírios encontraram refúgio desde 2011 na Turquia, na Jordânia (620 mil) e no Líbano (mais de 1,15 milhões). A fuga em massa começou depois da revolta pró-democrática reprimida pelo regime de Bashar al-Assad, e continua à medida que a vida na Síria se tornou palco de bombardeamentos do regime, de uma guerra civil e de batalhas entre rebeldes árabes e curdos contra os jihadistas do autodesignado Estado Islâmico. Registra-se até o momento cerca de 250 mil mortos e 13,5 milhões de pessoas que necessitam de ajuda humanitária.

²³ A Amnistia Internacional propõe aos governos dos Estados uma série de medidas para revigorar o sistema de proteção de refugiados: O compromisso de reinstalar coletivamente e nos próximos quatro anos o 1,2 milhão de refugiados que atualmente carecem de realojamento (300 mil por ano); a criação de um fundo global para os refugiados que dê resposta aos apelos humanitários das Nações Unidas em relação às crises de refugiados; a prestação de apoio financeiro aos países que acolhem elevados números de refugiados; a ratificação global da Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados; o desenvolvimento de sistemas nacionais justos de avaliação dos requerimentos do estatuto de refugiado e que garantam que os refugiados têm acesso a serviços essenciais como a educação e os cuidados de saúde.

Como se estivessem nas águas do Aqueronte, no ano passado 3.500 pessoas afogaram-se ao tentar cruzar o mar Mediterrâneo e 219 mil fizeram essa travessia em condições de total risco. Até junho de 2015 houve 1.865 afogamentos, e mais 300 pessoas morreram no mar de Andamão nos primeiros três meses de 2015 por inanição, desidratação e abusos cometidos por tripulações das embarcações. O mar Mediterrâneo é a mais perigosa rota marítima do mundo para migrantes e refugiados. As autoridades italianas salvaram mais de 166.000 pessoas das águas do Mediterrâneo em 2014. A travessia de barco parece ser a morte anunciada por Minos, mas o desespero leva um contingente cada vez maior de pessoas, em grande maioria crianças, a tentar a travessia.²⁴

Apesar dos muitos apelos feitos pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, a reinstalação de refugiados sírios é praticamente inexistente. O governo da Bulgária adota uma política de antiimigração, assim como na Hungria, onde o governo decidiu construir um muro de quatro metros de altura em uma extensão de 175 quilômetros na fronteira com a Síria. O objetivo é conter o fluxo migratório, alegando ser essa medida um “mal menor” diante da “inefcaz retórica anti-imigração” por parte da União Europeia. O progressivo aumento da busca de refúgio ocasionou o endurecimento de medidas por parte de países vizinhos da Síria, como o Líbano, com a recusa de entrada nos seus territórios a pessoas totalmente desesperadas,forçando o regresso às zonas de conflito das quais fugiram – o que para muitos significa voltar para morrer.

A eclosão de combates em países como o Sudão do Sul e a República Centro Africana conduziram a um aumento no número de pessoas que fogem em busca de refúgio.Cinco dos dez países em nível mundial de onde as pessoas partem como refugiados estão na África subsariana, bem como quatro dos principais dez países que acolhem refugiados.Os conflitos nesta região provocaram um fluxo acrescido de refugiados para os países mais próximos, dos quais muitos já acolhem refugiados de longa data, oriundos da Somália, Sudão, Eritreia e Etiópia.Em 2013 menos de 15.000 refugiados oriundos de países africanos foram reinstalados. Com o conflito no Sudão do Sul mais de 550 mil pessoas tornaram-se refugiados,e a maioria atualmente está em Etiópia, Sudão, Quênia e Uganda.

²⁴“Depois, olhando mais ao longe, vi gente na margem de um grande curso de água, razão pela qual disse: “Mestre, digna-te dizer-me quem são e o que os leva a tão ansiosos parecerem por atravessar, como se me afigura a esta luz tão débil.”. E ele respondeu: “Ser-te-á dito quando detivermos a nossa caminhada na triste margem do Aqueronte.” Dante: pp. 18-19

A Organização Internacional para as Migrações estima que havia em maio deste ano cerca de oito mil pessoas (rohingya) em fuga da perseguição em Myanmar (Birmânia) em barcos à deriva próximos da Tailândia. A Indonésia, Malásia e Tailândia – países que não ratificaram a Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados - forçaram o retorno de barcos com centenas de migrantes e refugiados a bordo, desesperados por ajuda. Posteriormente, Indonésia e Malásia anunciaram um abrigo temporário para sete mil pessoas que se encontravam no mar. Na Grécia o parlamento aprovou em junho deste ano o direito à nacionalidade por parte de filhos de imigrantes com frequência escolar a partir do 1º ano. Segundo o governo grego a cidadania não é um privilégio mas uma necessidade e uma obrigação do Estado para com as crianças que nasceram e cresceram na Grécia. Sobre o acolhimento aos refugiados, a Amnistia Internacional revela que pelo menos 61.474 chegaram às ilhas gregas entre 1 de janeiro e 22 de junho de 2015 – no ano de 2014 foram 43.500. O número de pessoas a chegar às ilhas está a aumentar, com uma média de mais de 5.000 pessoas por semana nas primeiras três semanas de junho. A grande maioria dos refugiados e migrantes arrisca viagens por mar devido ao aumento das medidas de segurança nas fronteiras terrestres, à vedação instalada na fronteira terrestre com a Turquia e à prática das “devoluções” – a ilegal expulsão coletiva de migrantes junto à fronteira²⁵.

Metade dos 60 milhões de deslocados e refugiados do mundo são crianças, a maioria com menos de onze anos. Os países e as comunidades com menos recursos são os que acolhem 86% dos refugiados do mundo e estão no esgotamento de seus limites. Como se isso não fosse suficientemente aterrador ainda há o estigma que carregam os refugiados como sendo intrusos, desempregados ou terroristas.²⁶ Os refugiados devem ser internacionalmente reconhecidos como vítimas, pessoas em fuga de guerra e toda sorte

²⁵As pessoas que pretendem requerer asilo são frequentemente detidas durante semanas até os seus requerimentos serem registrados. O número de Gabinetes Regionais de Asilo é insuficiente. Há falta de pessoal e as condições nos centros de detenção para imigrantes por vezes constituem uma forma de tratamento desumano e degradante (sobrelotação crónica, falta de higiene com casas de banho inundadas, colchões manchados, poucas camas e roupas, cortes de energia, falta de água quente). Em Lesbos os requerentes de asilo são forçados a dormir em um campo montado num parque de estacionamento com lotação três vezes acima da sua capacidade. Um centro de detenção de imigrantes em Samos, com capacidade para 280 pessoas, em junho acolhia 600 refugiados. Em Chios excedia em mais de 300 pessoas.

²⁶A porta-voz do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), Melissa Flemig, declarou que os refugiados não devem se tornar bodes expiatórios ou vítimas secundárias. A declaração foi dada após os atentados com explosões e tiros em Paris no dia 13 de novembro, por terroristas do Estado Islâmico nos arredores do Stade de France, no Teatro Bataclan e em restaurantes no 10º e 11º arrondissements, com 129 mortos e 350 feridos.

de violações que não foram capazes de prevenir ou deter. A crise é produto das falhas das políticas europeias de migração. Devem ser postas em prática soluções eficazes de imediata resposta à diáspora mundial de refugiados²⁷, com a partilha de responsabilidades de forma mais equitativa dentro da União Europeia. Para o presidente do Parlamento Europeu, Martin Schulz, aqueles que dizem que a migração é um problema a ser resolvido fechando as fronteiras não falam a verdade. O mundo hoje está cada vez mais complexo e a União Europeia tem o papel e o desafio de desenvolver uma nova estratégia de segurança e defesa com base em uma visão a longo prazo, coesão de políticas, suporte financeiro e fortes alianças e parcerias. As soluções somente podem ser feitas se as propostas contribuírem para o bem comum. “We are called upon to carefully weigh the risks and choose the path least likely to make citizens liable for a crisis they have not caused” declarou Schulz. Como resultado de recente decisão da comunidade europeia os 28 Estados-membros irão repartir, com base em cotas voluntárias, 40 mil refugiados da Síria e Eritreia ao longo dos próximos dois anos. Para o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, a crise migratória mostra o quanto a Europa está longe dos valores que comumente está a declarar.

4 O INFERNO SÃO OS OUTROS

Assim como neste século a crise dos refugiados pelo Mediterrâneo toma proporções catastróficas, as grandes atrocidades cometidas no século XX decorreram sobremaneira de fanatismos que se apresentaram como adversários da religião - o Estalinismo, o Nazismo e outras doutrinas nacionalistas²⁸. A religião (ou a ausência de) é uma das formas pela qual os membros de uma comunidade política se expressam, de modo livre e plural em Estados democráticos. Se há dois modos pelos quais o ser humano deveria ter um tratamento igualitário (nativo, migrante, refugiado, pária, estrangeiro) seriam no meio dos seres humanos, e como filho de Deus. Para o Cristianismo todo homem é aceito como filho de um mesmo Deus, o que conduz a uma fraternidade

²⁷O representante do Acnur, Andrés Ramirez, afirmou que o Brasil dá um bom exemplo de como elaborar e manter políticas humanitárias e generosas de acolhimento de refugiados. O Brasil tem hoje 7,7 mil pessoas refugiadas de 81 países, de acordo com o levantamento realizado em maio de 2015 pelo Comitê Nacional para os Refugiados. A maior parte vem da Síria (23%) – país cujos habitantes somam a maioria dos refugiados do mundo – seguida por Colômbia, Angola e República Democrática do Congo. O número de solicitação de refúgio ao governo brasileiro entre 2010 e 2014 passou de 1.165 para 25.996.

²⁸“Na realidade, muitos seres humanos atravessam o nosso campo de visão todos os dias e na maior parte das vezes não suscitam o nosso interesse nem sequer reparamos neles, vemos silhuetas em vez de gente real.” Oz, p. 69

autêntica. Para o Judaísmo, no Deuteronômio ordena-se o acolhimento ao estrangeiro e afirma-se o direito de asilo. O Islamismo refere a ideia de asilo como um direito segundo os preceitos de solidariedade e a prescrição de acolhimento ao viajante, aquele que não está em seu território. Sobre o fenômeno dos fundamentalismos, o religioso está presente em praticamente todas as tradições religiosas, entre as quais o Islamismo²⁹.

Entretanto, como se o paraíso pertencesse a uns e o inferno aos outros, os fanatismos ocupam um espaço que vão de encontro aos princípios mais basilares de respeito pelos direitos humanos: a vida, a liberdade, a igualdade, a dignidade, a justiça. Os fanatismos são de várias formas, mas o que todos tem em comum é o fervor profético e messiânico como refere Amos Oz.³⁰ O fanático acredita ser o detentor de um poder, o detentor da verdade. O fanático tem as respostas e não necessita de perguntas. O fanático não admite perguntas e somente aceita as suas próprias respostas. Para o fanático o outro é o fanático. O outro é o estranho invasor, aquele que o incomoda, aquele que não aceita o seu dito, o seu ponto de vista, a sua fé. Para o fanático o outro é o sujeito infernal.³¹

A pluralidade e a coexistência das mais variadas religiões não pode ser tolerada pelo fanático. Para Maalouf nenhuma religião está desprovida de intolerância. De outra parte a tolerância, embora seja necessária, não basta. Ele afirma a necessidade e exigência de ser considerado cidadão de corpo inteiro.³² Assim como a tolerância, a intolerância é aprendida. Amos Oz afirma que “Na verdade, as primeiras palavras que aprendi a dizer em inglês, à parte *yes* e *no*, foram *British, go home!*” (Oz, p. 10), e Maalouf salienta que

²⁹“Les religions sont dans la démocratie. L’autonomie n’est pas établir par-dessus les convictions privées qui la méconnaissent. Elle règne. L’idée de sa réalisation pratique s’en trouve complètement changée. De même, la foi communiste a perdu son horizon eschatologique... C’est reflux fondamental qui explique la résurgence des croyances religieuses “classiques”, si l’on ose dire, sur le devant de la scène. La politique et l’histoire ne sont plus des sources ultimes de sens. Elles ne sont plus en mesure de fournir des systèmes complets et autosuffisants de compréhension et de justification de l’existence.” Gauchet, p. 56 “Aussi le langage des justifications ultimes et des raisons suprêmes ne peut-il être absent de la sphère du pouvoir, même s’il est exclu qu’il la commande”. Gauchet, p. 59.

³⁰“A única coisa que todos tinham em comum era um secreto fervor messiânico. Todos achavam que representavam a herança real de Jerusalém, a verdadeira religião, a verdadeira fé. Todos achavam que eram realmente de Jerusalém, que os restantes eram apenas tolerados como figurantes.” Oz, pp. 74-75.

³¹“Querido Deus, por favor, diz-me de uma vez por todas: Qual é a religião verdadeira? A católica romana, a protestante, talvez a judaica, acaso a muçulmana? Qual fé a verdadeira? E, nesta história, Deus responde: “Para te dizer a verdade, meu filho, não sou religioso, nunca o fui, nem sequer estou interessado na religião.” Oz, pp. 75/76.

³²“Aquilo contra que me bato, e sempre me baterei, é a ideia segundo a qual haveria, por um lado, uma religião – a cristã – destinada desde sempre a veicular o modernismo, a liberdade, a tolerância e a democracia, e do outro uma religião – a muçulmana – votada desde a sua origem ao despotismo e ao obscurantismo. É errado, é perigoso e ensombra toda a perspectiva de futuro de uma boa parte de humanidade.” Maalouf, pp. 67-68.

um Protocolo de Tolerância é o modo pelo qual se podem combater os fanatismos e produzir sociedades respeitadoras da liberdade de expressão.³³Maalouf questiona por que razão o mundo muçulmano, que durante tanto tempo praticou a coexistência e a tolerância aparece agora como uma cidadela do fanatismo. Para ele as sociedades sofrem influências de sua época e contexto. Deveria se inverter a importância demasiada da influência das religiões sobre os povos, para *a influência dos povos sobre as religiões*. Basta verificar as profundas mudanças realizadas no Ocidente com a emergência da modernidade, que trouxe consigo as transformações nos campos da ciência, arte, filosofia.³⁴

Maalouf chama de “o resto do mundo” os que nasceram dos efeitos devastadores das culturas desfeitas pela modernização. Os povos não-ocidentais cultivaram um sentimento de humilhação. Suas tradições, seus conhecimentos eram considerados obsoletos, não mais contavam para o resto do mundo, passaram a conviver com uma profunda crise ao verem a sua própria identidade ameaçada, com o sentimento de viver em um mundo no qual não pertencem. Como poderiam os povos marginalizados no mundo mediterrânico se modernizar e assimilar a cultura ocidental sem perder a sua identidade?³⁵

Há uma relação direta do Islamismo político e antiocidental com as enormes dificuldades de desenvolvimento econômico. O radicalismo religioso não originou o conflito nem tampouco foi a escolha natural dos árabes e muçulmanos.³⁶Para Maalouf o contexto cultural e social afetam e potencializam as ações de grupos extremistas. Toda forma de radicalismo expressa o desprezo pelo outro, uma forma de tirania que se opõe à

³³“Se os meus antepassados tivessem sido muçulmanos num país conquistado pelos exércitos cristãos, não acredito que tivesse podido continuar a viver nas suas aldeias durante catorze séculos, conservando a sua fé. Que aconteceu, de fato, aos muçulmanos de Espanha? E aos muçulmanos da Sicília? Desapareceram, até ao último, massacrados, forçados ao exílio ou batizados à força.” Maalouf, p. 68.

³⁴“De tal modo que hoje – olhemos à nossa volta! O Ocidente está por todo lado. Em Vladivostoque e em Singapura, em Boston, Dakar, Tachkent, São Paulo, Nouméa, Jerusalém e Argel. Desde há 500 anos, tudo o que influencia duradouramente as ideias dos homens, a sua saúde, a paisagem ou a vida quotidiana, é obra do Ocidente. O capitalismo, o comunismo, o fascismo, a psicanálise, a ecologia, a eletricidade, o avião, o automóvel, a bomba atômica, o telefone, a televisão, a informática, a penicilina, a pílula, os direitos do homem e também as câmaras de gás... Sim, tudo isto, a felicidade do mundo e a sua infelicidade, tudo isto veio do Ocidente.” Maalouf, p. 83.

³⁵“Como não ter o sentimento de viver num mundo que pertence aos outros, que obedece a regras ditadas pelos outros, um mundo onde se sentem órfãos, estrangeiros, intrusos ou párias?” Maalouf, p. 87.

³⁶“Foi preciso que os dirigentes nacionalistas, com Nasser à cabeça, chegassem a um impasse, tanto pelos seus insucessos militares sucessivos como pela sua incapacidade de resolver os problemas ligados ao subdesenvolvimento, para que uma parte significativa da população se predispusesse a escutar os discursos do radicalismo religioso, e para que vissem florir, a partir da década de 70, véus e barbas contestatórias.” Maalouf, p. 95

liberdade de cada um, dos valores que cada membro de uma comunidade possui³⁷. Os massacres étnicos, os atentados terroristas e outros conflitos bélicos utilizam-se do discurso de agir em nome do sagrado, ou da democracia, ou ainda em nome da igualdade, liberdade, direitos dos povos³⁸.

Para o fanático quem não segue as crenças é considerado traidor. O fanático sente-se com uma superioridade moral, quer impor aos outros todos que partilhem do mesmo ideal e mesmas pertenças. Todos devem ser convertidos. O fanatismo pode estar latente em todos nós, o outro é o sujeito infernal porque ele aponta para o infernal dentro de cada um³⁹. O fanatismo tem outras características. Para Oz o “11 de Setembro” é uma batalha entre fanáticos que creem na máxima de que qualquer fim justifica os meios. O conflito entre Israel e Palestina não é uma guerra por motivos religiosos, é um conflito territorial.⁴⁰ Para Zizek trata-se de uma luta contra as próprias fraquezas e derrotas. Os três principais agentes da Guerra contra o Terrorismo (Os Estados Unidos pós-11 de Setembro, Israel e os árabes) veem-se a si próprios como vítimas e usam sua condição de vítimas para legitimar políticas expansionistas. Oz e Zizek entendem que é necessário chegar a um compromisso e consenso entre palestinos e israelenses⁴¹. A posição de Oz é contrária a qualquer tipo de conflito por disputa de território, lugares sagrados e supostos interesses nacionais. Ele afirma que já não se trata mais de estar a favor de um lado ou do

³⁷“... a meus olhos, a tirania da maioria vale o mesmo, moralmente, do que a tirania da minoria. E também porque acredito profundamente na igualdade de todos, homens e mulheres em particular, tal como na liberdade de crença, na liberdade de cada um conduzir a sua vida como entender, e porque desconfio de toda e qualquer doutrina que procure contestar valores tão fundamentais como estes.” Maalouf, p.102.

³⁸“No Ruanda, calcula-se que os hutus representem cerca de nove décimos da população e os tutsis, um décimo. Um escrutínio “livre” não passaria hoje de um recenseamento étnico.” Maalouf, p. 168.

³⁹“É verdade que hoje em dia quase toda a gente usa a palavra “traidor” com demasiada leviandade. Mas o que vem a ser um traidor? Sim, o que é, com efeito? É um homem sem honra, um sujeito que, às escondidas, por detrás das costas, por um qualquer benefício insuspeito, ajuda o inimigo contra o seu povo, chegando mesmo a desgraçar a sua família e amigos. É mais infame do que um assassino. E tu, faz-me o favor de acabar de comer o ovo! Na Ásia há quem morra de fome, está aqui encarrapachado no jornal. A minha mãe puxou o meu prato para si e acabou de comer os restos do meu ovo e pão com doce – não por força do apetite, mas por amor à paz – e rematou: - Quem ama, não traiçoa.” Oz, p. 14-15.

⁴⁰“A atual crise mundial, no Médio Oriente, em Israel e na Palestina, não é uma consequência dos valores do Islão. Não se deve à mentalidade dos árabes, como proclamam alguns racistas. De forma alguma. Deve-se à velha luta entre fanatismo e pragmatismo. Entre fanatismo e pluralismo. Entre fanatismo e tolerância.” Oz, p. 08.

⁴¹“Os palestinos querem a terra a que chamam Palestina. Têm razões muito fortes para a quererem. Os judeus israelitas querem exatamente a mesma terra exatamente pelas mesmas razões, algo que implica, ao mesmo tempo, um profundo entendimento entre as partes e uma tragédia terrível. Por muitos rios de café que bebamos juntos não se extinguirá a tragédia dos povos que reivindicam - julgo que com razão – o mesmo pequeno país como a sua única pátria em todo o mundo. Tomar café juntos seria maravilhoso e eu lutarei por isso, especialmente se for árabe, que é infinitamente melhor do que o israelita. Mas o problema não se vai solucionar tomando café.” Oz, p. 40

outro, mas a favor da paz, de agir com racionalidade para firmar um compromisso no qual ambos os lados tem que se sacrificar e fazer concessões⁴². Ambos os lados teriam de compreender que essa renúncia do Estado-nação etnicamente “puro” seria uma libertação para eles e não um simples sacrifício que cada um faria ao outro, um verdadeiro acontecimento no Oriente Médio, segundo Zizek, a explosão da verdadeira universalidade política no sentido de São Paulo: “Para nós não existem judeus nem palestinos”⁴³.

Os refugiados são vítimas do terrorismo, da violência de grupos extremistas como Boko Haram e Estado Islâmico. As ações violentas do Boko Haram, cujo nome significa “A educação não islâmica é pecado” provocou o deslocamento forçado de 2,6 milhões de pessoas, das quais 1,5 milhão são crianças - metade com menos de cinco anos. O grupo, original da Nigéria, destruiu 110 mil escolas, sequestrou 2 mil meninas em 2014, e o número de mortes aumenta vertiginosamente, situação esta a ponto de causar a maior crise migratória da África⁴⁴.

Já o terror gerado pelo autodeclarado Estado Islâmico (ISIS – Estado Islâmico do Iraque e do Levante) provém do seu desejo e crença de ser portador do apocalipse. Segue uma variante específica do Islão de modo absolutamente literal e radical. Persegue os que consideram apóstatas, busca expandir o seu califado por meio de práticas de extrema violência por meio de escravatura, tortura, execuções individuais, execuções em massa – atentados a bomba, decapitações, crucificações e outros meios de execução com requintes de crueldade.

5 CONCLUSÃO

Dos múltiplos questionamentos e diante das reflexões e do sentir que à razão escapa a permanência, gostaríamos de a-creditar na possibilidade de que a travessia conduzida por Caronte pudesse estar prestes a terminar. Zizek afirma a possibilidade de

⁴²“Uma das coisas que torna especialmente duro o conflito palestino-israelita é que se desenrola entre duas vítimas. Duas vítimas do mesmo opressor: A Europa – que colonizou o mundo árabe, o explorou, o humilhou, que pisou a sua cultura, o controlou e o usou como pátio de recreio imperialista – é a mesma Europa que discriminou os judeus, os perseguiu, os acoossou, e finalmente, os assassinou em massa num crime genocida.” Oz, pp. 46-47.

⁴³Relatório do Conselho de Direitos Humanos da ONU no mês de junho denunciou sérias violações de leis humanitárias internacionais equivalentes a crimes de guerra feitas por militantes de Israel e da Palestina na Faixa de Gaza. Afirma que a impunidade prevalece diante das ações cometidas pelo exército israelense e pede a Israel para romper com os conflitos e que responsabilize os culpados. A Comissão destacou com relação aos grupos armados palestinos que o uso indiscriminado de morteiros e foguetes disparados contra civis israelenses matou suspeitos que deveriam ter sido levados à Justiça internacional.

⁴⁴A Amnistia Internacional descreve a atual situação na Nigéria como “massacre mortal”. Informa que somente no período de 13 a 18 de novembro deste ano o número de mortos deve chegar a dois mil.

uma solidariedade compartilhada entre israelenses e palestinos como forma de resolver o que ele chama de um falso conflito. A existência diaspórica faz parte de suas vidas e os identifica. Essa poderia ser a base de uma ocupação partilhada de modo aberto, como refúgio aos condenados à errância. E pergunta “E se Jerusalém se transformasse não no lugar de um ou de outro, mas no lugar dos sem-lugar?”. Este questionamento é o mesmo que faço diante de uma possibilidade pacífica e utópica – não como o ideal irrealizável mas como o possível desejável. Aos fanatismos se responde não como ilha, mas como península na utopia de Amos Oz.⁴⁵

Os fanatismos atuam como forma de domínio, supressão e imobilização. Maffesoli (2001) declara que a imobilização pode ser o sintoma de um fechamento e portanto ter um efeito mortífero. Já a errância tem um aspecto fundador e traduz a pluralidade da pessoa e a duplicidade de sua existência. Uma parte em busca constante de sua outra parte. Deste modo e nesta visão a comunidade política não é formada por membros e por não-membros. Ela só pode existir como a coexistência de nômades errantes que exploram no mundo o mundo que não conhecem⁴⁶.

As migrações e os deslocamentos indicam e implicam no movimento, na mobilidade, na impermanência dos seres e das coisas. A fugacidade que permanece fugaz. É imprescindível viajar para encontrar-se. Na relação entre “uns” e “outros”, na dicotomia entre os “membros” e os “não-membros” em uma comunidade política, os migrantes, refugiados e párias mostram para os membros as raízes desenraizadas que fazem parte do processo de buscar-se. O estrangeiro é, portanto, a ameaça para o que é dado como instituído, sacramentado, regulado, legislado. O estrangeiro não é somente um estranho em terra estranha. Ele anuncia, enuncia, denuncia que cada um é estranho para o outro, é estranho para si mesmo. O homem busca refúgio a todo momento, a todo tempo. Ao constatar como necessária, urgente e desesperada a busca de refúgio por parte de centenas

⁴⁵“Nenhum homem é uma ilha, disse John Donne, mas atrevo-me humildemente a acrescentar: nenhum homem e nenhuma mulher é uma ilha, mas cada um de nós é uma península, com uma metade unida à terra firme e a outra a olhar paara o oceano – uma metade ligada à família, aos amigos, à cultura, à tradição, ao país, à nação, ao sexo e à linguagem e a muitas outras coisas, e a outra metade a desejar que a deixem sozinha a contemplar o oceano.” Oz, p. 33.

⁴⁶“Afinal, onde pertencemos exatamente? Talvez não pertençamos a lugar nenhum. Nem isso, nem qualquer outra coisa, tem uma resposta a preto e a branco. Eu cresci num contexto de ambivalência, de ambiguidade, de emoções misturadas, de relações amor-ódio e de amor não-correspondido.” Oz, p. 72.

de milhares de pessoas pode olhar para dentro de si mesmo e perceber que a vida, ensinam os estranhos, é uma travessia⁴⁷.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNETTO, Giancarla. **Cidade, secularidade e humanidade: Errâncias filosóficas.** (Ensaio) Braga: FacFil UCP, 2014.

DANTE. **Inferno.** Mem Martins: Europa-América, 2007.

GAUCHET, Marcel. **Neutralité, Pluralisme, Identités: Les Religions dans l'Espace Public Démocratique.** In: FERENCZI, Thomas (Dir.) Religion et Politique, une liaison dangereuse? Bruxelas: Éditions Complexe, 2003.

MAALOUF, Amin. **As Identidades Assassinas.** Algés: Difel, 2002.

OZ, Amos. **Contra o fanatismo.** Porto: Asa Editores, 2007.

WALZER, Michael. **As Esferas da Justiça.** Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ZIZEK, Slavoj. **O Islão é Charlie? Considerações Blasfemas sobre o Islão e a Modernidade.** Lisboa: Penguin, 2015.

http://www.amnistia-internacional.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=2164:2015-06-25-10-04-35&catid=35:noticias&Itemid=23

<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/07/zizek-o-circulo-de-giz-de-jerusalem/>

<http://www.europarl.europa.eu/news/en/news-room/content/20150623STO69771/html/Schulz-on-need-for-Greece-deal-%E2%80%9CWe%27re-called-upon-to-carefully-weigh-the-risks%E2%80%9D>

http://www.amnistia-internacional.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=2151:2015-06-15-09-08-04&catid=35:noticias&Itemid=23

<http://www.sobre.com.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

<http://diasporaportuguesa.blogspot.pt/>

http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/O_Conceito_de_Pessoa_Apatrida_segundo_o_Direito_Internacional.pdf?vie

⁴⁷“Por mim se vai à cidade dolorosa; por mim se vai às penas eternas; por mim se vai junto da gente perdida. A justiça moveu o meu supremo autor. Fizeram-me a divina potestade, a suma sapiência e o amor primeiro. Antes de mim coisa nenhuma foi criada, a não ser o eterno, e eternamente existirei; vós, que entraís, abandonai toda a esperança”. Dante, A Divina Comédia. O Inferno, Canto III, p. 17.